



## LITERATURA E PENSAMENTO: LINGUAGENS DO LIMITE

Beatriz Fabiana Olarieta<sup>1</sup>

### Resumo

O artigo reflete sobre o papel da literatura na prática da Filosofia com Crianças, mas poderíamos estendê-lo também a qualquer outra prática que problematize o encontro da literatura com a experiência de pensar ou com a filosofia. Tendo como ponto de partida o pensamento de Michel Foucault em torno da loucura e sua relação com a literatura, explora-se a proximidade do espaço literário - como experiência-limite que questiona e desestabiliza os sentidos estabelecidos - com a filosofia. Nesse caráter transgressor do limite da experiência ordinária encontra-se a absoluta pertinência de um texto literário numa prática que pretende transformar-se numa experiência de pensamento. O argumento é auxiliado pelos conceitos de “fronteira indômita”, de Graciela Montes, e de “ambigüidade” e “desobrar”, de Maurice Blanchot.

**Palavras-chave:** Literatura. Filosofia. Experiência-limite. Experiência de pensamento.

## LITERATURA Y PENSAMIENTO: LENGUAJES DEL LÍMITE

### Resumen

El artículo reflexiona sobre el papel de la literatura en la práctica de la Filosofía con Niños, pero podría hacerse extensivo lo que en él se afirma a cualquier otra práctica que problematice el encuentro de la literatura con la experiencia de pensar o con la filosofía. Teniendo como punto de partida el pensamiento de Michel Foucault con respecto a la locura y su relación con la literatura, se explora la proximidad del espacio literario –como experiencia-límite que cuestiona y desestabiliza los sentidos establecidos- con la filosofía. En ese carácter transgresor de la experiencia ordinaria se encuentra la absoluta pertinencia de un texto literario en una práctica que pretende transformarse en una experiencia de pensamiento. El argumento es auxiliado por los conceptos “frontera indómita”, de Graciela Montes, y “ambigüedad” y “desobrar”, de Maurice Blanchot.

**Palabras-clave:** Literatura. Filosofía. Experiencia-límite. Experiencia de pensamiento.

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

e-mail: [olarietaf@hotmail.com](mailto:olarietaf@hotmail.com)



Este trabalho situa-se no interior da discussão acerca da prática da Filosofia com Crianças, mas poderíamos estendê-lo também a qualquer outra prática que pretenda problematizar o encontro da literatura com o pensamento ou com a filosofia.

Os textos literários são utilizados com muita frequência para dar início ao que pretende transformar-se em uma experiência de pensamento com as crianças. Mas, por que levar uma obra literária a uma experiência de filosofia? Qual é o lugar da literatura em uma experiência desse tipo?

Às vezes, esse esforço se encaminha no sentido de tornar a literatura instrumento para ilustrar alguma ideia. O conteúdo do texto literário aparece assim como uma espécie de exemplo que tornaria mais acessíveis algumas ideias complexas. Desta perspectiva, personagens e argumentos esconderiam algo que precisaria ser descoberto pelo leitor ao longo da experiência.

Outras vezes, considera-se que o texto literário, pela sua forma, fornece uma espécie de força, de poder de sedução. Suas palavras bonitas e sua estrutura bem elaborada parecem capazes de fazer o que palavras corriqueiras não podem: conquistar o leitor e conduzi-lo amorosamente ao território onde quem escolheu o texto o espera chegar.

Pretendemos explorar outra possibilidade para esse encontro. Começamos por colocar em consideração aquilo que faz com que um conjunto de palavras e silêncios, de traços e vazios, se torne literatura. E, a partir daí, buscar os vínculos que poderiam ligá-la à filosofia.

Junto com Michel Foucault consideramos aqui a literatura como um espaço de transgressão onde tudo o que se apresenta como fixo se torna móvel. Espaço que remete a um momento onde a divisão que estabelece os limites oficiais das palavras cambaleia. A partir da obra do autor, transitamos inicialmente por outro espaço de desequilíbrio, de desestabilização de sentido que se aparenta com a literatura: a loucura.

No seu trabalho arqueológico sobre a loucura, Foucault mostra a tensão que existe entre, por um lado, aquela experiência histórica que demarca em uma cultura o campo daquilo que é possível ver e dizer dentro desses limites; e, pelo outro, a experiência trágica da loucura, que mostra e permite a ruptura dos limites que a experiência histórica determina. A literatura guarda, para o autor, um forte vínculo com a loucura, entendida neste último sentido como possibilidade de transgredir os limites de nossa experiência como obra de razão.

Por outra parte, ao ser uma linguagem esotérica – porque suas palavras dizem aquilo que dizem, mas no mesmo movimento dizem alguma outra coisa –, a literatura se localiza naquela zona que Graciela Montes nomeia “fronteira indômita”, nesse ponto central que Blanchot (inspirado por Mallarmé) chama de ambiguidade.

É precisamente nessa zona que nos deparamos com o limite dos sentidos estabelecidos, onde o espaço literário se encontra com a filosofia. É essa terra compartilhada, que assinala o exterior que habita no interior da linguagem, a que mostra a absoluta pertinência da literatura na experiência de pensar.

Não é nossa pretensão fazer um estudo da literatura no pensamento de Foucault, mas nos deixar seduzir por alguns poderosos lampejos que emanam de sua escritura-experiência e que nos incitam a dançar nessa corda bamba a que tende a palavra literária para poder explorar aquilo que lhe é mais próprio e que possibilita seu encontro com a filosofia concebida como uma experiência de pensamento.

### **A loucura, ausência da obra**

Foucault, quando escreveu “A história da loucura na idade clássica”, poderia ter escrito uma história da psiquiatria, historiando a evolução dos conhecimentos que possibilitaram a caracterização da loucura. Em lugar disso, propôs-se a realizar uma arqueologia da loucura, mostrando aquela primeira relação entre razão e sem-razão, a partir da qual seria possível pensar a loucura e, posteriormente, capturá-la sob o conceito de doença mental.

Inspirado na categoria nietzscheana de “experiência trágica”, Foucault desconfia dessa medicalização e psicologização da loucura. A partir dela vê nesta última, além de uma figura histórica, uma experiência intemporal, originária, crucial, essencial, que a razão em vez de descobrir, encobriu, ocultou, mascarou, dominou, ainda que não tenha conseguido destruí-la totalmente, porque viu nela um perigo e uma ameaça (MACHADO, 2001).

Esta ideia de experiência trágica que Foucault toma de Nietzsche lhe permite pensar em um momento fundacional, anterior à história da loucura, a partir da qual se estabelece uma primeira divisão trágica constitutiva da nossa cultura, que separa e coloca de um lado a razão e, do outro, a loucura. Esta divisão originária estabelece os limites dentro dos quais uma cultura se reconhecerá e definirá sua identidade. Fazer a história dessa divisão é, ao

mesmo tempo, fazer a história d’ “o outro”, daquilo que, uma vez estabelecida a divisão, tem ficado do lado de fora. No prefácio da sua “História da loucura...”, Foucault diz:

Poder-se-ia fazer uma história dos limites – desses gestos obscuros, necessariamente esquecidos logo que concluídos, pelos quais uma cultura rejeita alguma coisa que será para ela o Exterior; e, ao longo de sua história, esse vazio escavado, esse espaço branco pelo qual ela se isola a designa tanto quanto seus valores. Pois seus valores ela os recebe e os mantém na continuidade da história; mas nessa região de que queremos falar, ela exerce suas escolhas essenciais, ela faz a divisão que lhe dá a face de sua positividade; ali se encontra a espessura originária na qual ela se forma. Interrogar uma cultura sobre suas experiências-limites é questioná-la, nos confins da história, sobre um dilaceramento que é como o nascimento mesmo da sua história. Então, encontram-se confrontados, em uma tensão sempre prestes a desenlaçar-se, a continuidade temporal de uma análise dialética e o surgimento, às portas do tempo, de uma estrutura trágica. (FOUCAULT, 1999a, p. 142).

Esta divisão fundamental entre razão e loucura forma parte de uma estrutura de recusa, mediante a qual uma cultura, em um momento determinado, define o que é, rejeitando ao mesmo tempo o que considera “o outro”. Esta estrutura é histórica e determina um tipo particular, histórico, de experiência. “É essa estrutura que dá conta da passagem da experiência medieval e humanista da loucura a esta experiência que é a nossa, e que confina a loucura na doença mental” (FOUCAULT, 1999a, p. 146). Em uma entrevista com J. P. Weber, em *Le Monde*, intitulada “A loucura só existe em uma sociedade”, Foucault (1999b, p. 150) coloca com clareza este caráter histórico da experiência da loucura dizendo: “A loucura não pode ser encontrada em estado selvagem. A loucura só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem ou capturam”.

Esta tensão é a que nos interessa, aquela que existe entre, por um lado, esta experiência histórica, circunscrita pelo modo em que uma cultura se define e assim delimita o campo da sua experiência; e, pelo outro, a experiência trágica da loucura, que Foucault toma de Nietzsche e que permite a ruptura dos limites da própria cultura e da experiência que ela determina. Por isso, é possível falar tanto de uma experiência medieval da loucura, onde a relação com esta tinha uma forma que permitia um maior intercâmbio, quanto de uma experiência moderna da loucura, onde ela tem sido confinada na categoria de doença mental. De um lado, uma experiência que seria fundamentalmente razão, obra, sentido,

história; e, do outro, uma experiência indiferenciada, trágica, desnuda, capaz de questionar os limites da primeira.

A loucura, neste último sentido, é definida como “ausência de obra”, como um fundo de sem-sentido a partir do qual o sentido se estabelece, embora sempre permaneça inacessível a ele e, por isso, ameaça-o radicalmente.

A grande obra da história do mundo é indelevelmente acompanhada de uma ausência de obra, que se renova a cada instante, mas que corre inalterada em seu inevitável vazio ao longo da história; e desde antes da história, uma vez que ela já lá está na decisão primitiva, e ainda depois dela, uma vez que ela triunfará na última palavra pronunciada pela história. A plenitude da história só é possível no espaço vazio e povoado ao mesmo tempo, de todas as palavras sem linguagem que fazem ouvir, a quem afinar a orelha, um barulho surdo debaixo da história, o murmúrio obstinado de uma linguagem que falaria sozinha – sem sujeito falante e sem interlocutor, comprimida sobre ela própria, atada à garganta, desmoronando antes de ter atingido qualquer formulação e retornando sem brilho ao silêncio do qual jamais se desfez. Raiz calcinada do sentido. (FOUCAULT, 1999a, p. 144).

Este fundo de sem-sentido não pode sequer ser chamado com propriedade de loucura, pois o mesmo ato de pôr-lhe nome supõe tê-lo colocado no espaço e no tempo da razão, da história. É, melhor, um fundo inominável, incognoscível. Portanto, só será possível aceder a ele através da análise arqueológica desse momento de divisão desde o qual se o captura. A percepção que procura compreender esta loucura em estado selvagem pertence necessariamente a um mundo que já a capturou. “A liberdade da loucura se ouve do alto da fortaleza que a tem prisioneira. Ora, ela ‘não dispõe ali senão do moroso estado civil das prisões, de sua experiência muda de perseguida e nós não temos senão seus sinais identificatórios de fugitiva” (FOUCAULT, 1999a, p. 145).

Existe então um paradoxo: este fundo é radical outredade; é por definição, inominável e, no entanto, parece possível, para quem afina a orelha, ter algum tipo de experiência deste fundo, experiência que ofereceria a possibilidade de transgressão dos limites da própria razão, da própria linguagem. Tendo presente que essa percepção que tenta compreender a loucura em seu estado selvagem, como já dizemos, é própria de um mundo que já a capturou. Dá-se um jogo aqui entre o limite da experiência como obra e a possibilidade de fazer experiência desse limite, de transgredi-lo. Esse é o exercício que pretende fazer Foucault ao embarcar-se no esforço de “estirar a orelha, debruçar-se sobre

esse rosar do mundo, tratar de aperceber tantas imagens que jamais foram poesia, tantos fantasmas que jamais alcançaram as cores da vigília” (FOUCAULT, 1999a, p. 145).

### **A literatura, um desobrar**

Neste momento de seu pensamento, Foucault concede à literatura esse lugar intermediário entre essas duas formas de experiência que temos definido anteriormente. A experiência trágica da loucura é uma experiência muda, indiferenciada, anterior à linguagem; é por definição ausência de obra. A experiência histórica da loucura é, pelo contrário, o modo em que uma determinada cultura, em um momento histórico, define os limites de sua experiência a respeito daquilo que define como loucura; é por definição obra, razão, linguagem. A literatura permite a transgressão das fronteiras da experiência histórica. Ao ter um caráter fronteiro, entre a loucura e a obra da razão e da história, cria uma zona que desafia os limites desta última.

Tanto a loucura quanto a obra são linguagem. Mas, “enquanto a obra é uma linguagem da razão, plena de sentido, que obedece a um código [...], a loucura é insensatez, desrazão, não-sentido, vazio de sentido, linguagem que transgride as leis da linguagem, a ponto de ser considerada não-linguagem, ou, para empregar termos que acompanharão toda a reflexão de Foucault sobre a linguagem, é ‘murmúrio’, ‘ruído’, ‘rumor’” (MACHADO, 2001, p. 42).

É aqui onde loucura e literatura se aproximam. A loucura quebra a obra da razão, transgride seu limite, e se situa na cara exterior desse limite. Do mesmo jeito, a literatura questiona a própria obra dentro da qual se conforma como literatura. É um instaurar-se que questiona a obra, que força seus limites sem, ao mesmo tempo, poder deixar de ser obra.

A literatura se coloca em tensão com o discurso ao assinalar o vazio que ele tenta disfarçar, preencher com suas palavras. Este último seria aquele conjunto de enunciados que configuram aquilo que é possível dizer em uma época. Está do lado da história. A discursividade é a configuração da linguagem como obra que se detém em si própria e ganha uma certa densidade que dá corpo às palavras. A literatura, como um modo especial de condensação da linguagem de uma outra natureza, coloca-se em tensão com a obra e tem a possibilidade de mexer com essa positividade discursiva instalada por ela. A literatura ameaça o discurso ao arruinar a obra da linguagem. Ao deixar suspensa essa obra da linguagem, ao impossibilitar seguir dizendo da mesma forma a ordem estabelecida, interfere

nessa relação do enunciado com a linguagem. E não permite continuar a dizer da mesma maneira por tornar móvel, de dentro mesmo da obra, aquilo que o discurso fixou. A loucura, a literatura: linguagens que falam sozinhas, linguagens delirantes que puxam para esse momento originário, para esse momento divisório que ainda está em contato com esse fundo do qual emerge; linguagens que corroem os claros contornos da experiência, que como traças carcomem a sólida parede que divide e que protege o lado da luz, da ordem, da língua que designa e nomeia prolixamente cada coisa deste mundo; linguagens que esburacam e deixam que a orelha não esqueça dos murmúrios desse fundo que ameaça cada palavra que designa, que nomeia, que ordena.

Machado (2001) nos lembra que, mesmo reconhecendo essa semelhança entre a loucura e a experiência literária, Foucault nunca desconsiderou a diferença que existe entre as duas. Enquanto a primeira, implica uma quebra absoluta, uma ruptura radical, a segunda é o trabalho de construção desse desmoronamento. Carcome a obra, mas só existe como obra. Nela a obra e a ausência da obra ficam travadas num combate trágico. A obra colocada no limite do que ela pode pensar, deparada com o abismo do seu sentido no interior de si mesma.

Blanchot (1987), referindo-se a Mallarmé, considera que a experiência literária se encontra nesse ponto em que a realização da linguagem coincide com seu desaparecimento. Ela habita na ambiguidade, nesse ponto.

De um lado, na obra, ele é o que a obra realiza, é aquilo em que ela se afirma, onde é preciso que ela ‘no admita outra evidência luminosa senão a de existir’. Nesse sentido, esse ponto é presença da obra e somente a obra o torna presente. Mas, ao mesmo tempo, é ‘presença da Meia-Noite’, o aquém, aquilo a partir do qual nada jamais começa, a profundidade vazia da ociosidade do ser, essa região sem saída e sem reserva na qual a obra, por meio do artista, torna-se preocupação, a busca sem fim de sua origem. (BLANCHOT, 1987, p. 38).

Essa espécie de obra da obra, de surgimento da obra, exprime esse momento ambíguo em que se enfrenta “a experiência do que sempre arruína de antemão a obra e sempre restaura nela a superabundância vã da ociosidade<sup>2</sup>” (Ibidem, p. 39). Esse ponto de impossibilidade em que a obra se realiza naquilo que não permite que ela aconteça. Esse conduzir ao ponto

---

<sup>2</sup> É interessante notar que “ociosidade” remete a “désœuvrement” em francês. Esta última exprime muito melhor o sentido ao remeter mais claramente essa ociosidade para uma ausência de obra, um “desobrar”.

onde não pode conduzir-se porque é o ponto desde o qual ela não existe. “Esse ponto que ela faz brilhar enquanto recebe o clarão relampejante que a consome” (Ibidem, p. 40)

O trabalho da literatura, então, não está do lado da história, do lado da palavra bruta ou imediata (como a nomeara Mallarmé). Não está em utilizar as palavras usuais com mais maestria, não está no aperfeiçoamento da linguagem corrente, não está na exploração da linguagem como hábito que comunica, acostumada a designar. Está na abordagem daquele ponto “[...] em que falar não é mais do que a sombra da fala, linguagem que ainda não é mais do que sua imagem, linguagem imaginária e linguagem do imaginário, aquela que ninguém fala, murmúrio do incessante e do interminável a que é preciso impor silêncio, se se quiser, enfim, que se faça ouvir” (Ibidem, p. 42)

Literatura: tornar presente a ausência. Fazer o que desfaz. Avançar no recuo. Arrombamento.

### **A literatura, fronteira indômita**

Na conferência “Linguagem e literatura” pronunciada em Bruxelas em 1964, Foucault faz uma distinção entre a linguagem, a obra e a literatura. A linguagem estaria composta tanto pelo código, o sistema que permite a compreensão entre os que falam, quanto pelo conjunto de tudo o que foi dito, “o murmúrio de tudo o que é pronunciado” (2001, p. 140). A obra seria a estabilização desse murmúrio dentro de uma configuração que lhe confere uma certa densidade que é enigmática. Finalmente, é a literatura, que não é nem obra nem linguagem, que desenha um outro espaço exterior e vazio.

A literatura é uma distância aberta no interior da linguagem, uma distância incessantemente percorrida e jamais coberta; uma espécie de linguagem que oscila sobre si mesma, uma espécie de vibração imóvel. Na verdade, oscilação e vibração são palavras insuficientes e inadequadas porque sugerem dois pólos: a literatura seria, ao mesmo tempo, literatura mas, também, linguagem e haveria entre a literatura e a linguagem como que uma hesitação. De fato, a relação com a literatura, aquilo pelo qual obra e literatura se esquivam mutuamente, está investida totalmente na espessura imóvel, sem movimento, da obra. (FOUCAULT, 2001, p. 142).

A literatura tem a ver com essa distância aberta no interior da linguagem, essa rachadura que aparece no quadro na medida em que ele vai sendo pintado. Todas essas palavras para dizer a ausência. Nesse limite de desfazer sua própria feitura anda a literatura.

Graciela Montes usa a imagem de “fronteira indômita” para nomear este lugar que a literatura produz nas margens. Para pensar nesta zona indômita a autora cita dois versos populares por todos conhecidos: “Vamos brincar no bosque / enquanto o seu Lobo não vem”<sup>3</sup>. Esse enquanto, “enquanto o seu Lobo não vem”, marca a fragilidade desse brincar, mas é só nesse território que se pode brincar. “Um território necessário e saudável, o único no qual nos sentimos realmente vivos [...] o único onde podemos desenvolver nossas brincadeiras antes da chegada do lobo. Se esse território de fronteira se estreita, se não podemos habitá-lo, não nos sobra mais do que a pura subjetividade e, portanto, a loucura, ou a mera acomodação ao fora, que é uma forma de morte” (MONTES, 1999, p. 52, tradução nossa). Aqui a autora está falando de um fora e um dentro em sentido psicológico inspirada em Winnicott. O dentro como a subjetividade desejante e exigente e o fora como o objeto desejado, os objetos. No meio, entre essas duas zonas, “a única margem onde realmente se pode ser livre, ou seja, não condicionado pelo dado, não obrigado pelas demandas próprias nem pelos limites do fora” (MONTES, 1999, p. 51, tradução nossa). Mas, no sentido que estamos pensando a relação entre a loucura e a literatura, tomando aquele sentido trágico de Foucault, podemos perfeitamente inverter as palavras “dentro” e “fora”, e manter, ficar, com esse “entre”, com esse “enquanto”, que comunica e marca a distância simultaneamente. O “dentro” como o lugar da obra e da história e o “fora” como aquele fundo, aquele murmúrio do qual ela emana tão só para assinalá-lo. Podemos pensar esta zona – que, ao mesmo tempo que é um limite, é impossível de domesticar – como a borda exterior do limite da nossa experiência feita hábito que escapa da captura absoluta e nos permite renovar os sentidos estabelecidos ao sacudir, ao tornar difusas as linhas que delimitam o caminho. O trabalho da literatura seria o de engrossar essa fronteira, fazer mais larga essa zona que não pertence ao “dentro”, mas também não é “fora”. É o “fora” que habita no “dentro” que ameaça cada limite que traçamos no esforço de definir, de outorgar sentido.

Salvadas as distâncias, então, é essa “fronteira indômita”, esse “enquanto”, essa zona frágil não domesticável, que permite permanecer brincando no bosque à beira do caminho com seus limites fortemente marcados. Ela pode estreitar-se ou alargar-se e permitir-nos

---

<sup>3</sup> A autora cita a versão Argentina desses versos populares “*juguemos en el bosque / mientras el lobo no está*”. Em Brasil a fórmula mais frequente é “*vamos passear no bosque / enquanto o seu Lobo não vem*” (ou, inclusive, “*vamos passear na praça*”). Para não perder a força da imagem da versão citada por Montes decidimos manter o “brincar” em lugar do “passear”.

criar nossas brincadeiras “enquanto” o medo do lobo não nos empurra novamente à senda. Talvez nesse sentido podemos ler Rilke (2007, p. 191): “As criações da arte são sempre resultado de ter-estado-em-perigo de ter-ido-até-o-fim numa experiência, até um ponto que ninguém consegue transpor”. É nessa zona de risco que se aloja a literatura, nesse sair de Chapeuzinho do caminho para entrar nesse território, para colocar os pés na beira do caminho que não é totalmente caminho, que também não é totalmente floresta, mas que permite deparar-se com ela e voltar com as flores recolhidas, o que só é possível por ter-se desviado, por ter corrido o risco, por ter ido ao seu encontro. Este é um risco que nada tem a ver com arriscar o próprio mundo na procura de um mundo melhor a conquistar com o esforço e o trabalho, isso seria se posicionar claramente do lado de dentro da linguagem da história e apostar no seu progresso. A literatura acontece na tentativa de avanço na zona marginal que coloca em risco o traçado do caminho, o fio que beira a história, que vai à procura do hálito do lobo na noite escura. Uma zona que faz mudar a paisagem habitual das palavras quando são jogadas no seu território e nos permite descobrir suas arestas indomesticáveis ao colocá-las em perigo. Nesta fronteira indômita as palavras habituadas a nomear a obra, a história, a submeter-se à razão, podem brincar (por “enquanto”), ousar, encorajar-se e transgredir os limites de uma linguagem submetida a suas funções habituais, que servem para dizer um mundo fixado na ordem de um discurso. A literatura com suas palavras engrossa este território-limite e cria suas próprias regras fronteiriças.

“Uma novela, um conto, uma música, um poema são avanços sobre a terceira zona, construções pioneiras, próprias da borda” (MONTES, 1999, p. 52-53, tradução nossa). Só neste território poroso jamais conquistado, nunca acabado – porque é um permanente fazer-se que é, ao mesmo tempo, um desmanchar-se – é que podem nascer novas palavras, novos e precários sentidos. A única condição é que continuem a ser não domesticados e fronteiriços, marginais.

### **A literatura, uma linguagem esotérica**

Voltemos, desde outra perspectiva, sobre essa possibilidade colocada por Foucault, de que a linguagem literária, desligando-se de todo referente, através da sua dobra sobre si mesma, coloque em questão e faça estourar os limites da cultura. Esta perspectiva é inspirada em escritores como Bataille e Blanchot. Será através deles que Foucault terá contato com Nietzsche. Em uma entrevista intitulada “A loucura, a ausência da obra”,

falando sobre os interditos da linguagem e suas possibilidades de transgressão, ele assinala que esta forma de linguagem, e suas possibilidades transgressoras,

[...] consiste em submeter uma palavra, aparentemente conforme o código reconhecido, a um outro código cuja chave é dada nesta palavra mesma; de tal forma que esta é desdobrada no interior de si: ela diz o que ela diz, mas ela acrescenta um *excedente* mudo que enuncia silenciosamente o que ela diz e o código segundo o qual ela diz. Não se trata aqui de uma linguagem cifrada, mas de uma linguagem estruturalmente esotérica. Quer dizer: ela não comunica, ao escondê-la, uma significação interdita; ela se instala, para começo de jogo, em uma dobra essencial da palavra. Dobra que a escava do interior e, talvez, até o infinito. Pouco importa, então, o que se diz em uma semelhante linguagem e as significações que aí são liberadas. É essa liberação obscura e central da palavra no coração dela própria, sua fuga incontrolável para uma moradia sempre sem luz, que nenhuma cultura pode aceitar imediatamente. Não é em seu sentido, não em sua matéria verbal, mas em seu *jogo* é que uma tal palavra é transgressiva. (FOUCAULT, 1999c, p. 194).

Foucault, nesta entrevista publicada em 1964, já não pensa a loucura a partir da experiência trágica, agora analisa a loucura a partir da psicanálise, como um tipo de linguagem. Uma linguagem especial que, ao mesmo tempo em que é incompatível com a obra, é a zona de onde a obra provém. A partir de Freud a loucura é uma palavra que se envolve a si própria. Ela diz por baixo do que ela diz outra coisa. Literatura e loucura se aproximam porque as duas são auto-referências vazias (MACHADO, 2001, p. 50-51).

É este tipo de linguagem redobrada que encerra em si mesma a chave de seu próprio deciframento, que Foucault toma da literatura, o que lhe permite trabalhar sobre os limites do pensamento. É a linguagem mesma a que possui o poder de ir além de si. Será este um trabalho incessante, pois, nesta relação entre a cultura que captura e a loucura que é irreduzível indiferenciação, liberdade, está o perpétuo trabalho da linguagem sobre si mesma, para levar-nos além da experiência na qual definimos aquilo que somos.

A literatura também pode ser pensada então como limite da linguagem dentro da mesma linguagem que “[...] não se define por aquilo que ela diz, nem tampouco pelas estruturas que a tornam significante” (1999c, p. 197). É uma linguagem estruturalmente esotérica que se encontra desdobrada ao interior de si mesma.

Poderíamos dizer que a literatura se vale do sentido da linguagem para, nesse mesmo ato, marcar seu sem-sentido, esse sem-sentido que mina a obra o tempo todo e do qual ela emerge. É essa propriedade quem nos mantém numa permanente expectativa,

porque a próxima palavra a ser pronunciada pode provocar o desabamento desde o alicerce de tudo aquilo que, até esse momento, as mesmas palavras, cuidadosa e prolixamente ordenadas, vinham construindo. A literatura compromete a linguagem em um duplo sentido: tanto como código quanto como arquivo de todo o dito (LARROSA, 1995).

“A literatura, no fundo, é uma fala que talvez obedeça ao código em que está contida, mas que, no momento mesmo que começa, e em cada uma das palavras que pronuncia, compromete esse código” (FOUCAULT, 2001, p. 158). Mesmo que para dizer algo a literatura obedeça ao código da língua, ao mesmo tempo a palavra literária ameaça o tempo todo esse código. Essa característica da literatura não provém de uma possibilidade de representar alguma coisa, nem da pretensão de transmitir umas ideias, nem do código ao que pertence. “Cada obra, cada momento da obra, volta a pôr tudo em questão, e aquele que deve apenas ater-se-lhe, não se atém, portanto, a nada. Seja o que for que ele faça, a obra retira-o do que ele faz e do que ele pode” (BLANCHOT, 1987, p. 83). A literatura se desdobra nesse jogo de sentidos, nessas tensões de sentidos instalados e possíveis, sentidos feridos por sem-sentidos, sentidos impossíveis, que provém de um vazio que é limite e relação ao mesmo tempo. É ali que se encontra a familiaridade da literatura com a loucura. Este parentesco não tem a ver com o que se diz, nem com como o diz, mas com a forma em que ela estabelece seu próprio jogo. “A obra atrai aquele que se lhe consagra para o ponto em que ela é a prova de sua impossibilidade. Nisso ela é uma experiência [...]” (Idem). Então, o desafio que encarna a literatura não passa por desafiar as leis próprias do código linguístico, nem pela pronúncia de palavras que ainda dentro do código tem proibida sua articulação, nem por colocar enunciados perfeitamente legíveis pelo código, mas que portam significações censuradas, proibidas (FOUCAULT, 2001).

É, nessa auto-implicação da linguagem onde se escava esse vazio que produz a literatura que rói os sentidos instituídos e, ao derrubá-los, abre a possibilidade à emergência de outros. Foucault fala nesse sentido da loucura como uma prodigiosa “reserva” de sentido. “Muito mais do que uma provisão, trata-se de uma figura que retém e suspende o sentido, ordena um vazio no qual não é proposta senão a possibilidade ainda não cumprida de que tal sentido venha ali a alojar-se, ou um outro, ou ainda um terceiro, e isso ao infinito, talvez” (FOUCAULT, 1999c, p. 196). Assim como a loucura, a literatura é uma reserva de sentido. Ambas instauram um vazio na linguagem e, por isso, são linguagem transgressiva do código da língua.

### Então... para que levar um texto literário a uma experiência de Filosofia com Crianças?

Como vimos, a literatura nada tem a ver com o afã de representação do discurso, se afasta dele. A palavra literária se desenvolve a partir de si mesma; é trânsito, é fuga, é transgressão da obra, é vivência descarnada do limite da experiência na carne das palavras, é um habitar no limite sem hábitos, é fronteira que permite a experiência do limite.

A imagem literária libera à linguagem do trabalho de ter que representar e se entrega à apresentação. Rompe os diques da sintaxe e do dicionário, ali as palavras cobram vida.

Consideramos aqui que deixar a literatura fazer seu particular trabalho em uma experiência de filosofia implica dar lugar a considerar que, ao trabalhar sobre o limite do qual tudo emerge, a literatura diz sobre o que é. Ela não é uma simples linguagem de quimeras, isso que se propõe à imaginação como possível ou verdadeiro, mas que não é.

Referindo-se à imagem poética, Octavio Paz (2006) afirma que ela diz o que por natureza a linguagem ordenada, submetida às leis do discurso habitual, não pode. A linguagem colocada a significar tem que se ajustar à lógica do isto ou aquilo na qual uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo. Deste modo, as palavras são alinhadas pelo sentido que lhes dá unidade e as dirige em uma única direção. Mas, a imagem poética conserva uma pluralidade de sentidos que não são exclusivos de seu universo (o universo poético). Ela nos revela o que o mundo é e sobre quem nós somos, afirma o autor. O sentido, no seu trabalho unificador, cobre a pluralidade e a ambiguidade da qual as coisas emergem. O verso poético recria, revive essa experiência. “O poema nos faz lembrar o que esquecemos: o que somos realmente” (Ibidem, p. 47, tradução nossa), nos traz a lembrança desse fundo que nada compreende de identidades garantidas do qual tudo emerge.

Isso que o mundo é e que se desvenda na literatura não tem a ver com uma essência, com uma substância que a literatura revelaria. Tem a ver com uma certa distância, como dirá Foucault:

[...] um vazio imperceptível, mas que nada pode eliminar, nem povoar, uma linha que não se para de transpor sem que ela se apague, como se, pelo contrário, fosse cruzando-a sem parar que a marcaria a mais. Pois esse limite não isola duas partes do mundo: um sujeito e um objeto ou as coisas diante do pensamento; ele é de preferência a relação universal, a muda, laboriosa, instantânea relação pela qual tudo se ata e se desata, pela qual

tudo aparece, cintila e se apaga, pela qual no mesmo movimento as coisas se mostram e escapam. (FOUCAULT, 2006a, p. 64).

É esta a distância que nos apresenta a literatura. Esta distância não designa a presença ou a ausência de uma substância, nem uma estrutura, nem um lugar, senão um movimento, uma relação móvel e constante no interior da linguagem. O autor se questiona: e se a ficção não fosse “[...] esse trajeto de flecha que nos salta aos olhos e nos oferece tudo o que aparece? Então, o fictício seria também o que nomeia as coisas, fá-las falar e oferece na linguagem seu ser já dividido pelo soberano poder das palavras” (Ibidem, p. 68).

A literatura nos lança, nos joga em direção a essa distância, a essa exterioridade, a esse vazio, a essa ausência, a essa ruína; coloca no limite às palavras que tem tecido acirradamente os contornos conhecidos; nos atrai para essa zona fronteira e nos deixa em suspensão.

“A linguagem tocada pela poesia cessa imediatamente de ser linguagem. Ou seja: conjunto de signos móveis e significantes. O poema transcende a linguagem. “[...] É linguagem, mas é também mais alguma coisa. E esse algo a mais é inexplicável pela linguagem, embora só possa ser alcançado por ela” (PAZ, ibidem, p. 48, tradução nossa). A palavra literária diz o que diz e nesse dizer diz uma outra coisa, diz sobre algo que a transpassa. Linguagem que se desmancha e que só na linguagem pode existir.

Essa experiência que a literatura possibilita, então, diz da possibilidade de fazer contato com uma experiência do mundo e de nós mesmos que nos traz a vida, o movimento que habita nos perímetros que ainda se encontram em contato com o murmúrio subterrâneo, com o bosque que contorna o caminho. É sobre esse murmúrio que se constrói a obra da razão e da história. O espaço literário oferece a carne de suas palavras em sacrifício para revelar-nos esse rumor. É nesse sentido que a literatura diz sobre o que o mundo é e sobre o que nós somos. E é nesse espaço, que nos coloca em frente do barulho que acompanha como um rio subterrâneo o perímetro que define cada coisa neste mundo (inclusive nós mesmos), que a literatura se encontra com a filosofia considerada como experiência de pensamento.

Assim como a literatura, a filosofia trabalha sobre os limites. Na figura, é o perímetro o que dá uma cara para a forma estabilizada da figura e outra para o fundo do qual ela emergiu. Tanto a literatura quanto a filosofia andam por esse limite. Essa relação que a literatura mantém com a linguagem é a que o pensamento tem com o saber que ordena o

mundo, que o classifica, o sequencia, o explica, o legisla. O pensamento põe o saber, os conhecimentos, frente ao abismo do qual emergiram; coloca-os em tensão com o fundo do qual se recortaram, um fundo que nada entende de leis nem de classificações, e mostra-lhes que seus contornos são frágeis, porosos, que se existem é porque ele, esse fundo, os ameaça. O sentido se desprende, se torna fixo, vira hábito, coisa habitual, que nos leva a passar nosso olhar rapidamente por um mundo que nos resulta conhecido e explicável. Quando o pensamento se detém repentinamente lembra da multiplicidade da qual se descolou, esse fundo de sem-sentido que tinha esquecido.

Desse vínculo que ambas, literatura e filosofia, mantêm com essa dimensão da realidade, surge a pertinência absoluta da presença da literatura em uma experiência de Filosofia com Crianças, uma experiência que pretende ser um exercício de pensamento. A literatura não está ali para conduzir aos leitores a algumas ideias “filosóficas” que, escondidas por trás de personagens e argumentos, estão aguardando serem descobertas. Não está para ilustrar uma ideia, para dizer com outras palavras, de um jeito mais bonito, o que poderia ser dito por outros meios. Não está para tornar mais acessível o código ou arquivo de nossa linguagem, de nossos sentidos construídos ao longo dos anos. Não está ali para imprimir força, energia, às ideias, para conquistar por meios mais vitais a atenção do leitor. Ela está ali porque a composição dessas palavras tem o poder de quebrar nosso código e nosso arquivo maciço, de rachar as cores da nossa paisagem habitual. Ela está ali porque também diz de como o mundo e nós somos. Ela está ali porque com sua força e suas velocidades torna móvel aquilo que o discurso fixou. Ela está ali porque encarna em suas palavras o pensamento. Está ali para enrarecer o ar que prazerosamente vínhamos respirando e confrontar nosso pensamento com esse estranhamento. Está para sublevar as fronteiras. Está para carcomer os contornos e torná-los porosos. Está para inocular a linguagem e contaminá-la da distância que a habita. Está para emprestar-nos a carne da suas palavras esotéricas em sacrifício e deixar, nessa cerimônia, nossos saberes e conhecimentos em suspenso para ter que começar a pensar de novo, a partir desse vazio que fugazmente invadiu nossos sentidos habituais.

Experiência literária e experiência de pensamento remetem a esse lugar do qual emerge o mundo, a esse silêncio ou murmúrio que o acompanha em cada passo que ele dá, obrigando-o a recomeçar a cada vez. Esse rumor o força a seguir andando, não lhe permite deter-se, instalar-se definitivamente, fixar-se.

Embora reconheçamos que há diferenças que marcam os campos da literatura e da filosofia, estamos fazendo referência à literatura como aquela estranha obra da linguagem que é ausência de obra, que se remete a um tempo e lugar que antecede à divisão em disciplinas, à organização e classificação dos saberes. Nesse sentido, o lugar de onde ela emerge é o mesmo do qual emerge a filosofia. A possibilidade de transitar esse lugar a partir da palavra-ficção ou da palavra-ritmo poético ou de problemas e conceitos será o trabalho específico de cada uma (DELEUZE; GUATTARI, 1997). A força que torna poderosa a literatura e que a convoca a uma experiência de pensamento emana dessa particularidade de fazer contato com o fundo do qual as palavras emergem sem esquecê-lo e da capacidade de manter com ele essa tensão. Um fazer-se e desfazer-se o tempo todo; um estar em processo; um caminhar pela fronteira indômita da linguagem, do pensamento; um colocar-se em perigo; uma ressonância desse perigo.

“Estirar a orelha, debruçar-se sobre esse rosar do mundo, tratar de aperceber tantas imagens que jamais foram poesia, tantos fantasmas que jamais alcançaram as cores da vigília”, nos dizia Foucault (1999a, p. 145), procurando colocar palavras no exercício de aproximação aos limites que nossa experiência histórica delimita. A literatura é o lugar onde essas imagens do rosar do mundo se tornam poesia e nos apresentam a multiplicidade, a sucessão, a ambiguidade, a mistura, a confusão, o caos que a linguagem tenta esquecer cada vez que outorga sentido e ordena, alinha prolixamente os contornos do mundo. Essa linguagem intercessora, que nos faz deparar com o limite do mundo, convoca ao pensamento.

Então, por que levar um texto literário a uma experiência de pensamento? Porque tudo aquilo que a obra da razão e da história suprimiu, esqueceu, tentou encobrir, é desenterrado quando alguém “*canta el lugar en que se forma el silencio*”, como nos lembra Alejandra Pizarnik.

### Referências bibliográficas

BLANCHOT, M. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DELEUZE, G. **Conversações 1972-1990**. São Paulo: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, M. Prefácio: Folie et déraison. In: FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos I: a problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999a. p. 140-148.

\_\_\_\_\_ A loucura só existe em uma sociedade. In: FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos I: a problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999b. p. 149-150.

\_\_\_\_\_ A loucura, a ausência da obra. In: FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos I: a problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999c. p. 190-198.

\_\_\_\_\_ Linguagem e literatura. In: MACHADO, R. **Foucault, a filosofia e a literatura**. 2º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 137-174.

\_\_\_\_\_ Distância, aspeto, origem. In: FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos III: estética, literatura, pintura, música e cinema**. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. p. 60-74.

\_\_\_\_\_ O pensamento do exterior. In: FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos III: Estética, Literatura, Pintura, Música e Cinema**. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. p. 219-242.

LARROSA, J. **La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación**. Laertes, Barcelona: 1995.

LEVY, T. S. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

\_\_\_\_\_ O fora como o (não-)espaço de literatura. In: BRUNO, M.; CHRIST, I.; QUEIROZ, A. (orgs.). **Pensar de outra maneira a partir de Cláudio Ulpiano**. Rio de Janeiro: Pazulin, 2007. p. 113-122.

MACHADO, R. Arqueologia, filosofia e literatura. In: PORTOCARRERO, V.; CASTELO BRANCO, G. (orgs). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: NAU, 2000. p. 10-27.

\_\_\_\_\_ **Foucault, a filosofia e a literatura**. 2º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MONTES, G. **La frontera indómita: en torno a la construcción y defensa del espacio poético**. México: FCE, 1999.

PAZ, O. La imagen. In: PAZ, O. **Obras completas 1: la casa de la presencia. Poesía e historia**. México: FCE, 1994. p. 114-126.

PIZARNIK, A. **Poesía completa**. Buenos Aires: Lumen, 2000.

RILKE, R. M. **Cartas do poeta sobre a vida**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2007.

SCHOLLHAMMER, K. E. Maurice Blanchot: A Literatura E/É o Direito à Morte?. In: NASCIMENTO, E.; CASTELLÕES DE OLIVEIRA, M. C. (orgs.). **Literatura e Filosofia: diálogos**. Juiz de Fora: Editora UFJF – Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. p. 113-125.